

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSE DE SOUSA

Tribuna da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.771

Terça-feira, 2 de Setembro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 33-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officina de Impressão—Rua da Atalaya, 114 e 116

Tôda a gente de bem deve comparecer hoje na sessão promovida pela U. S. O. contra as touradas

UMA OFENSA AO PROLETARIADO

Nem as oscilações do câmbio — que não têm sido sensíveis nestes últimos tempos — nem o preço da mão de obra justificam a aumento do preço do pão, que o ministro da Agricultura vai conceder à Moagem

E' a vontade da Moagem, da onnipotente Moagem, a única que merece a atenção daquele ministro da república. A vontade do povo, as necessidades do povo, a miséria do povo não pesam na balança da justiça, dêste regime cujo rótulo é «do povo, pelo povo e para o povo»!

Se o proletariado quizer a sua vontade respeitada que lute e se imponha!

NO SUL E SUESTE

UMA VIA SOBRE TRAVESSAS PODRES

Despreza-se um orçamento que só vantagens poderia trazer, demit-se um engenheiro competente e não se atende às condições duma via, que em quasi todos os pontos oferece perigo ao trânsito dos comboios. Algumas coisas úteis em paralelo com os estragos a que «A Batalha» tem feito referência

Não menos atenção do que os outros serviços nos pode merecer o Serviço de Via e Obras, onde as insuficiências se acumulam tão grandemente que épocas tem havido que a estabilidade da linha é nalguns pontos bastante duvidosa. Há secções onde o trânsito dos comboios se garante à custa de imensos sacrificios por parte do

substituição de carris desde Amoreiras a Saboia, renovação que, afinal, paralizou por falta de verba, não chegando a atingir o ponto que fôra considerado indispensável.

Quando a frente do Serviço de Via e Obras se encontrava o engenheiro Neff Sobral, foi estudado e elaborado um orçamento ge-

directos responsáveis pelo descalabro a que as linhas do Sul e Sueste chegaram.

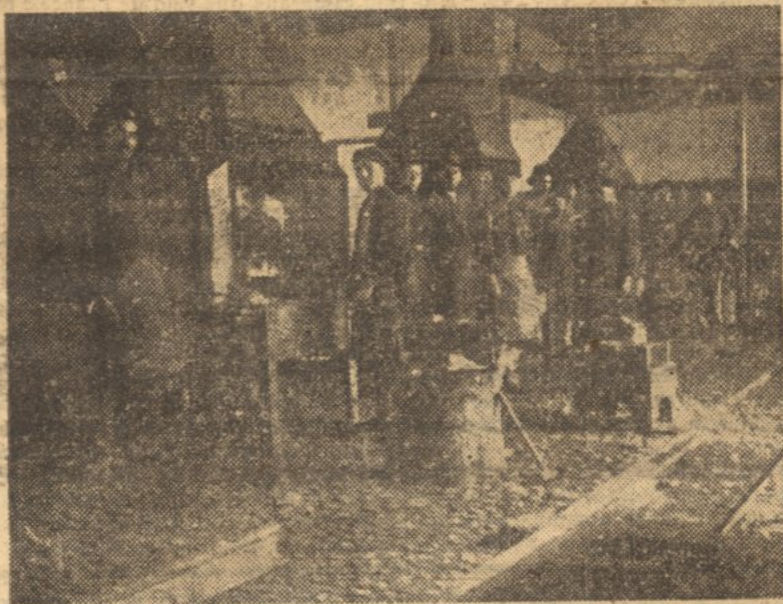
O serviço da via em especial, é hoje executado com enorme sacrificio, pesando sobre os chefes de secção, capatazes gerais e capatazes de partido, grandes responsabilidades, pela ausência de condições próprias na linha, para o trânsito dos comboios, por se estar sempre na iminência dum desastre, neste ou naquele ponto. Só uma activa vigilância e um contínuo esforço por parte do pessoal pode dar à via a segurança indispensável para nela poderem circular os comboios.

No Sul e Sueste, uma das causas porque não há um rápido entre Lisboa e o Algarve reside na via, que não tem condições para

panhar este artigo de dois aspectos das oficinas metálicas que o engenheiro Sobral fez construir e que atestam que ainda houve no Sul e Sueste quem quizesse fazer uma administração dirigida com competência e boa vontade.

A formidável campanha de A Batalha tem causado assombro e indignação pelos grandes escândalos que tem revelado. Vários jornais lhe têm feito referência. Ontem o Diário de Lisboa publicou um suêto, que gostosamente transcrevemos:

«Os caminhos de ferro do Sul e Sueste, contra cujos serviços continuam a chegar-nos reclamações constantes, são, segundo nos informam, uma coisa que para ai se arrasta pouco menos do que falida. O material que ainda cicula está num estado que revela pela indecência; a linha, se não está pôdre, pouco lhe falta; os «defeitos» acumulam-se e a direcção impotente para dominar a situa-



A oficina de ferraria nas obras metálicas

pessoal, que é obrigado a andar constantemente sobre a via reparando as avarias que se produzem, porque as travessas já não oferecem segurança alguma, pois em grande parte estarem completamente podres.

Este estado de coisas dura há já alguns anos, sem que definitivamente a ele se tenha atendido por não lhe destinarem as verbas que são indispensáveis para as reparações. Há uma absoluta falta de travessas, que nestes últimos anos não têm sido adquiridas, e que ocasionou graves prejuizos como na linha do Vale do Sado onde todo o madeiramento apodreceu, transformando uma linha nova e bem construída numa linha quasi intransitável. O que se fez de útil foi uma renovação com a

ral sobre as necessidades d'este serviço, incluindo-se nelle travessas, carris e todo o restante material para transformar a via de modo a atender à segurança da circulação dos comboios. Este orçamento atinha a cifra de 45.000 contos, mas correspondia a tudo quanto constituía uma necessidade e por ele se obteria uma via capaz de garantir todo o trânsito em velocidades elevadas, acelerando assim as marchas dos comboios e concedendo vantagens ao público ainda até hoje não disfrutadas nas linhas do Sul e Sueste. Mas como se tratava de fazer administração e ao mesmo tempo modificar as condições técnicas duma rede importante, aperfeiçoando-a e desenvolvendo-a, não se votou aquêlo orçamento a mais

que nestes últimos tempos são os



Um aspecto das oficinas metálicas

suportar velocidades compatíveis com o serviço que é exigido a um rápido.

Portanto, o serviço de via e obras, tem muito também a agradecer e constitui por si só um dos mais importantes duma rede ferroviária. Basta-nos por hoje acentuar essa importância e fazer acom-

ção, apenas se preocupa com uma coisa que parece a sua idea fixa: a recolha dos pontos do pessoal dos escritórios, mal dão as onze no relógio da Sé. Alguns chefes de serviço, prestam-se a desempenhar o papel que aos continuos competem. E, desta inversão de atribuições, resulta haver continuos que mais parecem chefes de serviço, e chefes de serviço que não chegam a valer um continuo.»

Contra as touradas!

E' hoje que se realiza a grande sessão promovida pela U. S. O. de Lisboa

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa promove hoje, pelas 21 horas, na sua sede, calçada do Combro, 38 A, 2.º, a anunciada sessão de protesto contra as corridas de touros.

Não se trata dum simples protesto contra os touros de morte. As touradas, mesmo quando não rematam com a morte barbara do animal, constitui um espectáculo degradante e desmoralizador para um povo que não tem pão nem escolas.

Combate-las com energia significa dar vigor a uma reacção moral indispensável no meio putrido que cada vez mais e mais se vai fechando, como uma grade duma prisão, sobre a consciência do povo.

Desnorteado por espectáculos que só excitam tudo quanto de sanguinário existe na alma humana, o povo, embriagado por essas barbaras scenas de sangue, apaixonado pela violência inútil e prejudicial das corridas de touros, acaba por receber com um sorriso de imbecil desprezo as iniciativas de bondade e de altruismo que almas mais puras pretendam lancar no seu seio

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 e meia horas, para tratar da questão do pão, e outros assuntos

pendentes, devendo comparecer todos os delegados.

A política militar na Irlanda LONDRES, 1. — O comandante das tropas britânicas no Ulster, ordenou aos officiaes que se demittam das sociedades secretas de qualquer espécie, sob pena de demissão.

A tourada como todos os grandes excitantes — porque a tourada é um grande excitante dos nervos — require outros excitantes: o alcool, a prostituição, as pândegas desregradas.

Combater as touradas é combater ao mesmo tempo uma série do vicios que reduzem o povo à mais triste miséria moral e mental.

A União dos Sindicatos Operários cumpre o seu dever chamando hoje o povo à sua sede a fim de ouvir a palavra dos delegados do Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas, Sociedade Protectora dos animais, Universidade Popular, Universidade Livre, Sociedade de Estudos Pedagógicos, Associação dos Professores de Portugal, União do Professorado Primário e Sociedade Naturista.

PÃO CARO!

A SUPREMA AFRONTA!

O ministro da Agricultura, favorecendo os poderosos, pretende reduzir o povo à fome ONDE ESTÁ A SOBERANIA POPULAR?

O ministro da Agricultura, sr. Torres Garcia, tem uma preocupação suspeita: favorecer a Moagem. Parece que ao sentar-se no seu fauteuil ministerial já levava aquella idea que o perseguia como uma obsessão.

Segundo se depreende das suas próprias declarações a Moagem não fez grande pressão, não lhe conviou, como costuma enviar aos outros ministros, um ultimatum irrisoriavel. O sr. ministro da Agricultura é — que entendeu ser

uma boa medida de administração pública aumentar o preço do pão, lançando a perturbação nos espiritos e a miséria nos lares. Não sabemos se o sr. Torres Garcia pretenderá, com qualquer gesto, mesmo o mais desalegante, mesmo o mais afrontoso para o povo que moureja, ver o seu nome estampado na História da república.

Não sabemos também se esta pressa de fazer subir o preço dum alimento precioso obedecerá a um

excessivo dó pelos lavradores ambiciosos que pretendem transformar as simples terras de semeadura em verdadeiras minas de ouro. O que sabemos — porque é próprio no-lo disse — é que o preço do pão vai encarecer.

Não apresentor aquele ministro um só argumento de peso esmagador a justificar a sua nociva medida. A libra encontra-se estacionária, o trabalhador rural, com a fronteira espanhola fechada a sete chaves, tem de sujeitar-se a

Na cadeia do Limoeiro

O que ali se passou no domingo

Alguns jornais de ontem relatam uns casos passados no domingo na cadeia do Limoeiro, afirmando que «os presos por questões sociais» provocaram e insultaram os soldados da guarda.

Vamos contar como os fatos se passaram, que são bem ao contrário do que afirmam o «Diário de Notícias» e outros jornais.

É costume todos os dias às 10 e meia da manhã, ser reunida a guarda da cadeia.

Comandava a força da guarda o tenente sr. Horácio Gonçalves. Nada houve de anormal até ao fim das visitas.

Porém, quando as visitas saíram e os presos, também como de costume, se despediam à janela dizendo-lhes adeus, uma sentença, a do pólo 10 e que por sinal era o n.º 106, da 5.ª companhia, sem sequer avisar os presos que se encontravam à janela, disparou um tiro que por felicidade não atingiu pessoa alguma.

Protestaram os presos contra a atitude da guarda sentinela mas tudo se passaria por bem se não fosse um indivíduo, que actualmente é guarda do Forte de Mousinho, ter apontado uma pistola para as janelas do grupo B ao intuito evidente de alvejar a tiro os presos que ali se encontram.

Foi neste momento que os protestos dos presos se tornaram mais violentos e indignados com a atitude de tal fôrça.

Alguns pracinhas da guarda saíram para dispersar a multidão de visitas que se acumulava em frente da cadeia, tendo por fim a sorte dos seus entes queridos cujas vidas naquele momento estavam em perigo. E dispersavam-nos brutalmente, isto sem que o comandante da fôrça o pusesse impedir, como era vontade sua. Duas mulheres foram brutalmente agredidas por dois soldados da guarda. E a agressão só terminou quando o tenente sr. Horácio Gonçalves interveio.

A este senhor, à sua prudência, se deve o não termos agora algumas mortes de presos a lamentar, não obstante o tenente Guerra, da mesma guarda republicana, mas que não estava de serviço, ter incitado alguém a que mandasse fazer algumas descargas contra os presos.

Daquei louvamos o tenente sr. Horácio Gonçalves pela sua prudente atitude e lhe damos a certeza de que estamos sempre prontos a louvar as boas acções que praticam os que envergam aquela farda, como prontos estamos a esculpirmos os seus crimes.

Houve também alguns guardas que, em contraste com outros seus companheiros que mais pareciam feras à solta se portaram com a maior coroura.

O último número do Suplemento de A BATALHA

Foi pôsto ontem à venda mais um número do Suplemento literário de A BATALHA que vai já completar um ano de existência e que já pode considerar-se como existência plenamente assegurada graças ao favor do público que tem sabido compreender o esforço e o carinho dos camaradas encarregados da sua factura.

O número ontem é todo bom podendo no entanto destacar-se o artigo sobre a Superstição do Estado, de Bento Faria o de Mário Domingues sobre os touros de morte, o de Campos Lima sobre a moda feminina dos cabelos curtos e a resposta de Alexandre Vieira ao inquérito sobre a integração da mulher operária na vida sindical. A página central ilustrada com lindas caras e silhuetas de mulheres, é de magnifico efeito. Enfim, um número a todos os títulos notável.

Convém acentuar que toda a colaboração do Suplemento é absolutamente inédita.

Senhorios e inquilinos

Na rua Ferrer, na Cova da Piedade, é inquilino dum prédio, Joaquim Pereira Fragata que tem vários hóspedes a quem pretende aumentar as rendas.

Entre os hóspedes figura o descarregador de mar e terra Artur Lopes que se nega a pagar o que o Fragata deseja. Este, no sábado, aproveitando a circunstância de Artur Lopes ir mais tarde para casa, fechou-lhe a porta não consentindo que entrasse. Artur Lopes dirigiu-se à guarda republicana para o acompanhar ao prédio, na intenção de que o Fragata lhe abrisse a porta, mas não foi possível demover o inquilino-embriagado da sua teimosia.

Está uma criatura sujeita às explosões de qualquer fragata.

Trabalhadores. Mede a BATALHA

ridicularizar que os lavradores lhes quizerem dar. Não existe, pois, uma razão só que determine a carestia que o sr. ministro da Agricultura, em nome dos interesses do povo, pretende provocar a favor dos interesses da lavoura e da Moagem.

É certo que o aludido ministro, na entrevista que teve com a comissão da C. G. T., falou na ganância, na extrema ganância dos moageiros. Mas os ministros, em regra, não enérgicos quando se trata de combater qualquer justa reivindicação proletária, não terão o dever de lutar contra essa ganância?

Da atitude do sr. Torres Garcia depreende-se esta cousa espanhola: os ministros só desempenham bem a sua missão quando se curvam reverentes e submissos ante as exigências criminosas dos poderosos; os ministros só são bons ministros quando colocam a sua pasta ao serviço da grande indústria e da alta finança.

Esta atitude do humilhado, por parte do ministro da Agricultura,

Congresso corticeiro

Uma sessão de propaganda em Sines

SINES, 31.—Reuniram há dias os operários corticeiros desta localidade para se ocuparem, especialmente, do 3.º congresso da indústria.

Depois de falarem Rocha, Carrilho, J. Maria e João Machado, que salientaram a necessidade e vantagem de serem nomeados delegados ao congresso, fez uso da palavra Silvério dos Santos, secretário geral da Federação Corticeira, afirmando que Sines é uma das localidades que tem o seu nome gravado na página do movimento sindical, e descreve a largos traços a necessidade da realização do congresso. Diz que o operariado corticeiro de Sines deve cotizar-se para que ao congresso um mais delegados, pois dessa reunião advirão sem dúvida maiores benefícios para a família corticeira, aconselhando a máxima união da classe agora dispersa devido, sem dúvida, ao conflito marítimo que há um ano se arrasta nesta localidade.

Referindo-se à fiscalização das cortiças, diz que a classe deve nomear indivíduos com competência e que se imponham à consideração geral. Sobre as 8 horas de trabalho, alude às suas vantagens e às lutas que tem havido para se manter essa regalia.

A Carrilho concorda com as palavras de Silvério dos Santos, propondo que a classe faça uma cotização especial.

Esta proposta é aprovada por unanimidade, sendo nomeado delegado ao congresso J. Francisco da Silva.

Nesta sessão foram também apreciados os trágicos acontecimentos de Silves, sendo lavrado um enérgico protesto contra o bárbaro procedimento da guarda republicana.

Foi também nomeada a nova direcção, que ficou assim composta: presidente, A. Maia; 1.º secretário, J. Oliveira; 2.º secretário, F. M. da Silva; tesoureiro, M. Joaquim. Assembleia geral: 1.º secretário, Benvenuto; 2.º secretário, M. Parreira. Conselho fiscal: J. Gaudêncio, D. Santana e J. Roberto.

Ainda foi nomeada uma comissão para fiscalizar a escrita da Secção, que ficou constituída por F. da Silva, J. da Silva e Urbano.

SECÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

Comité de Propaganda Sindicalista de Extremoz.—O dr. Campos Lima está impossibilitado de ir durante o mês corrente, em virtude dos seus afazeres no norte, sendo conveniente adiar a conferência para meados de Outubro.

Sindicatos Nacionais

CHAUFFEURS DO SUL

Fernando Casimiro Manços.—Necessitam com urgência documentos que os presos e Olivais.

Federações

METALÚRGICA

Mário de Azevedo.—É indispensável a tua comparência hoje na Federação.

Contra o excessivo aumento das matrículas

Uma decisão da Federação Académica Industrial e Comercial

Reúne, a Federação Académica Industrial e Comercial Portuguesa, deliberando, em virtude de ser no dia 4 do corrente que o ministro do Comércio resolveu receber a mesma Federação, pedir a todos os alunos das escolas Técnicas que não efectuam as suas matrículas sem o ministro dar uma resposta às reclamações que lhe vão ser apresentadas sobre o excessivo aumento das matrículas.

A Federação Académica apreciou também a marcha do conflito da Escola Comercial de Ferreira Borges, aguardando as resoluções do ministro do Comércio, sobre o assunto.

Tendo o sr. ministro do Comércio fixado o dia de quinta-feira próxima para a audiência a dar à Federação Académica Industrial e Comercial Portuguesa sobre o momento assunto do aumento de matrículas, a direcção da Liga de Instrução da Escola Afonso Domingues interpretando o seu sentir, convidou todos os alunos e os que estejam para o ser a não se matricular antes de tal dia.

Outrossim lembra a que todos estejam atentos, aguardando resoluções da mesma Federação.

constitui uma das maiores afrontas ao povo que tudo paga, que tudo produz e a quem são negados todos os direitos—até o fundamental, o de comer.

Então pode-se lá admitir, só porque deu em la real gana dum ministro da república, que o principal alimento do povo sofra um aumento de preço?

Onde está então a tal república «do povo e para o povo»? Onde se meteu a soberania popular?

Porque não aparece agora a guarda republicana, os guardas dos Olivais, a soldadesca de Silves, que assassinam barbaramente o povo? Onde estão todas essas feras armadas, que não aparecem para meter os moageiros na ordem? Porque não chama o sr. ministro todos esses mantenedores da ordem pública, que criando a fome, produzem a desordem?

Vejamos também se o povo que se deixa embalar pelo ruído dos foguetes das touradas não se aperceberá de que lhe estão metendo abruptamente as mãos nas algibeiras. Vejamos...

Eden Teatro

HOJE: A'S 9 3/4 DA NOITE

Êxito recrudescente

A graciosíssima revista

Sorte Grande

com lindíssimos bailados

pela formosa e notável bailarina

ORIS LORRAINE

e BILL BAILEY

Esplêndido desempenho de toda a

Companhia OTELO DE CARVALHO

Esforçada gargalhada com ANTONIO

GOMES (da Trindade) e AURELIO

RIBEIRO, nos compadres da

SORTE GRANDE.

Espectáculo atraentíssimo

inexcedível na animação e no entusiasmo.

TEATROS & CINEMAS

Noticias

Segue amanhã para as Caldas da

Rainha a companhia Lucília Simões,

onde, à noite, representará, no teatro

Pinheiro Chagas, «As Fogueiras de São

João», a qual, ali, nas noites seguintes,

levará à scena as peças «A vinha do

Senhor», «A castela» e «A Casa em

Ordem».

Com cinco brilhantes espectáculos

noturnos, uma «matinée» efectuada

no dia 10, e um concerto efectuado no

sábado em recita dos artistas, terminou

no domingo a sua tournée a Vigo a

companhia de opereta Armando de

Vasconcelos, que no teatro Odeon da

qualidade representou sucessivamente,

com o maior dos sucessos, as peças:

«Leitela de Entre Arroios», «As Andorinhas», «Prima Inglesa», «Ultima

Valsa» e «Frangula».

No teatro Peninsular da Figueira

da Foz estreia-se hoje a companhia

Maria Matos-Mendonça de Carvalho

que ali vai fazer, por contrato firmado,

uma série de nove espectáculos com as

peças «Inimiga», «A Sombra», «Milva-
lônia», «O Comissário de Policia»,
«Compartmento para Senhoras» e «Ma-
dama de Charley».

É o pintor A. Henrique Santos Jô-
nior quem está executando a decoração

do prosénio do novo teatro Sá de

Bandeira, de Santarém.

A imortal peça de Pinheiro Chagas,

«A Morgadina de Valdeol», que vai

ser representada no teatro São Luís

na próxima semana, com Palmira Bas-
tos na protagonista, apresentar-se-á

com scenários de Mergulhão e Eduardo

Reis, filho.

Reclames

Um dos numerosos atractivos da re-
vista «Sorte Grande», em scena no Eden

são os originalíssimos bailados execu-
tados pela gentil e formosa bailarina

Oris Lorraine, da troupe Sacha Morgowa

e Bill Bailey, os quais o publico fez

repetir entre o maior entusiasmo. Hoje,

no Eden, volta a scena a «Sorte Gran-
de», que tem numerosos esforçados de

graça e verdadeiramente galantes, me-
recendo ser incluídos, entre uns e ou-
tros, «O Poeta», «O Político» e «O peli-
tro», «As sem cascas», por Adelina Fer-
nandes, «A caçadora de homens» por

Luís Durão, «A medida da moda» por

Júlia de Assunção, «A touriste» por

Deolinda Sial e muitos outros, sem es-
quecer «O Pado da Sorte Grande», por

Éma de Oliveira e Hildegarde Santos, e

que, sempre repetido, António Gomes,

da Trindade, e Aurélio Ribeiro, man-
têm a maior hilaridade, entre os espec-
tadores, com os seus comentários, nos

alegres papéis dos compadres da «Sorte

Grande».

Continua sendo verdadeiramente

incomparável o êxito da revista «Rê-
Vês», que ao teatro Maria Vitória, do

Avenida Par, «A sucessivas e enor-
mes encenadas. Hoje, em duas sessões,

repete-se a impagável revista, cujas no-
vas surpresas atrações possuem o condão

de entusiasmar o publico.

Constituiu um grande successo o

número de variedades apresentado on-
tem nas esplanadas à entrada do Parque

Muysr, o qual trabalha no coreto onde

toca o Jazz-Band.

É o seguinte o programa do teatro

Nacion-1 hoje e amanhã effectua-se os

últimos espectáculos com a notável pe-
ça «Os Dois Garotos». Na próxima

quinta-feira, para fazer uma série de

quatro espectáculos apenas, repre-
santar-se-á a peça de Júlio Dantas «A

Severa» e na próxima quinta-feira 10

primeira representação da farsa em três

actos. «O espelho dos maridos» tradu-
ção de Carlos Ferreira e Henrique Rol-
dão.

«O comboio n.º 6», a empolgante

peça cinematográfica actualmente em

scena no Apolo, parece, na verdade,

destinada a não mais ser tirada do

cartaz, tal é o entusiasmo com que o

publico, que literalmente enche todas

A BATALHA

6.987 PESSOAS VIRAM IN' A MARAVILHOSA PEÇA

O COMBOIO N.º 6-TEATRO APOLLO

Vida Sindical

U. S. O.

Para um assunto que interessa a di-
recção do Sindicato dos Manipuladores

de Pão, convidou-se a enviar um seu

delegado à sede desta União.

COMUNICAÇÕES

União Têxtil.—Na reunião de di-
recção foi resolvido convidar os mem-
bros do Conselho Fiscal a virem prestar

as contas referentes ao 1.º semestre,

a reunir na próxima semana com a di-
recção da Associação dos Tecidos de

Seda, para em conjunto se fazer a le-
itura e apreciação dos estatutos que cri-
arão o Sindicato Unico da Indústria para

o mais breve possível ser apresentado à

classe têxtil que para esse fim reunirá

em assembleia magna, e tomou conheci-
mento de os operários da Fábrica de

Fitas Soares da Silva terem apresentado

aos industriais uma reclamação para au-
mento de salário.

Operários Alfaiates.—Reuniu a

comissão escolar que resolveu instar

com os que desejem frequentar as aulas

de corte e de aplicação profissional, a

que se apressem, pois se encontram

quasi preenchidos os três turnos, facto

este com que a comissão se congratula.

Mais resolveu comunicar que a pri-
meira prestação, que é de 25\$00, deve

estar paga no próximo dia 10, fechando

de-se a inscrição no dia 4 e reabridos

as aulas em 15 de Setembro.

Todas as noites se encontram na sede

um componente da direcção que dará

todos os esclarecimentos.

Sindicato Unico da Construção

Civil.—Conselho de Secções.—Reuniu a

comissão administrativa deste conselho

que resolveu ir junto dos mestres e

proprietários de oficinas de canteiros

para conseguir que os mestres que sin-
dica não reúnem, respondam às recla-
mações formuladas pelo Sindicato. Foi

apreciado um officio da Associação In-
dustrial (Mecânicos em m.dreira).

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o con-
selho federal para apreciar diversos expe-
dientes, constando ainda da ordem de

trabalhos a leitura do regulamento para

os sindicatos e do parecer sobre me-
tados de propaganda a adotar, trabalhos

estes que serão presentes pela comissão

nomeada para o elaborar.

Federação Metalúrgica.—Reúne

amanhã o conselho federal, pelas 20,30

horas.

Federação dos Trabalhadores do

Livro e do Jornal.—Secretariado

reúne hoje, pelas 18 horas.

Encadernadores e Anexos.—Reúne

hoje, pelas 20,30 horas, a direcção,

pedindo-se a comparência de todos os

componentes, assim como a da comi-
ssão revisora de contas.

Impressores Tipográficos.—Reúne

hoje, às 21 horas, a direcção deste

sindicato.

Condutores de Carroças.—Reúne

hoje a Comissão Administrativa para

assuntos de alta importância para a clas-
se, pedindo-se a comparência de todos

os seus componentes. Devem compare-
cer também todos os cobradores para se

tratar de assuntos que interessam ao

serviço de cobrança.

Operários Calçoteiros.—Reúne

hoje, às 21 horas, em assembleia geral

para tratar de vários assuntos de in-
teresse.

União Textil.—Reúne hoje a direc-
ção para distribuição de expediente,

sendo indispensável a comparência de

todos os cobradores para bom anda-

mento das contas. Mais se convidam os

camaradas que levaram bilhetes da festa

próxima «A Batalha», a virem prestar

contas dos bilhetes que levaram.

S. U. Mobiliário.—Comissão de

melhoramentos.—É convocada a reunir

hoje, pelas 18,30 horas, esta comissão,

juntamente com o pessoal polido do

emprego de Luís Gomes, da officina do

sr. Marques Silva.

Trabalhadores do tráfego do

pôrto de Lisboa.—Para tratar da for-
mação de uma caixa de auxilio na docen-
ça e apreciação de outros assuntos que

são também do máximo interesse para

a classe, reúne hoje, a assembleia geral

pelas 20 horas, devendo comparecer to-
dos os seus componentes.

S. U. da Construção Civil.—Sec-
ção dos serventes.—São convidados a

comparecer hoje, pelas 21 horas, para

efeito de colocação dos camaradas só-
cios e sem trabalho.

SINDICATOS

DA PROVINCIA

Operários confeiteiros do Pôr-
to.—Reuniu no sábado passado em as-
sembleia geral este sindicato, tomando

div

DOS LIVROS E DOS AUTORES A BATALHA

na provincia e nos arredores

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE SETEMBRO

Q.	6/13/20/27	HOJE O SOL
Q.	7/14/21/28	Aparece às 6,06
S.	1/8/15/22/29	Desaparece às 19,06
S.	2/9/16/23/30	
D.	3/10/17/24	
S.	4/11/18/25	
T.	5/12/19/26	

FASES DA LUA

Q.	C. dia 6 h 3,16
S.	C. M. 15 h 7,08
T.	L. N. 28 h 20,16

MARÉS DE HOJE

Pratamar às 4,44 e às 5,02
Baixamar às 10,14 e às 10,32

ESPECTACULOS

S. LUIS-A's 21,15--Maria Antonieta.
NACIONAL-A's 21,15--Os dois garotos.
APOLO-A's 21,15--O Combóio n.º 6.
EDEN TEATRO-A's 21,15--Sorte Grande.
MARIA VITORIA-A's 20,45 e 22,45--
Rez-Ver.
CIRCO DE VARIEDADES (Feira de
Parque Eduardo VII--A's 21,45 e 23--Com-
panhia Cardinall.
GIL VICENTE-A's 21,15--Dois Sargentes.
OLIMPIA-A's 21,30--Animatógrafo.
CENTRAL (Avenida)--Animatógrafo.
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges)--
Animatógrafo.
IDEAL (Loretto)--Animatógrafo.
CINE ESPERANCA--Animatógrafo.
ROSSIO (Arco Bandeira)--Animatógrafo.
CHATEAU (Praça dos Restauradores)--
Fina Italiana.
ALFONSO--PARQUE--(Antigo Parque
de Jazz-Band).
PROMOTORA (Largo do Calvário)--Ani-
matógrafo.
EDEN-CINEMA (Rua do Alívio)--Ani-
matógrafo.

CAMBIO

Países	Mo- das	Ant. par	Comp. Vendas
Alemanha	Marcos	42,25	—
Austria	Coróns	117,8	16,00
Belgica	Francos	117,8	16,00
Espanha	Péstetas	117,8	16,00
E. U. A.	Dólares	117,8	16,00
Francia	Francos	117,8	16,00
Holanda	Florins	117,8	16,00
Inglaterra	Libras	117,8	16,00
Italia	Liras	117,8	16,00
Suica	Francos	117,8	16,00

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos	Dias
EM SETEMBRO	
Arizana, Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdã	3
Lourenço Marques, para os portos da África Oriental	5
Hildebrandt, Bologno, Bremen	7
Avon, Vigo e Cherbourg	10
Almanzora, portos do Brasil e Argentina	11
Bagé, portos do Brasil e Argentina	15
Desceados, Leixões, Vigo, Cherbourg Southampton e Amsterdã	15
Lutetia, portos do Brasil e Argentina	17
Dorros, Southampton Rotterdam e Hamburgo	19

Dentes artificiais

Importação directa
Muito mais baratos, colocados e
aptos a substituição sem despesa
de extração e consulta
BERNARDINO NUNES
Rua da Palma, 40, 1.º

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Aufer única pri-
legida e acreditada universalmen-
te por ser a que faz melhor fiação
e que tem maior duração
Dúzia 60 centavos
(incluindo com as instruções)
Venda aos centos e aos milha-
res, assim como isqueiros, ca-
das, tubos, pipas e tambores, aos
melhores preços para retalho.
CARLOS A. SANTOS
Depósito: Rua do Arsenal, 30--LISBOA

CASA DE FERRAGENS USADAS

CHUMBO
Compro e muitos outros artigos
metálicos
A. Lameiro
Travessa dos Mestros, 25

Dentes artificiais

a 25000--Obturações
a 25000--Extracções sem
dor a 15000
Das 11 às 13 no consultório de
MARIO MACHADO
da Escola Dentaria de Paris
Chiado, 74, 1.º Tel. C. 418

Pedras para isqueiros

Metal Aufer, assim como ro-
das e maciças, tubos, molas,
chaminés de 2 e 3 peças, tam-
pões. Vendem-se no Largo do
Conde Barão, n.º 55.
Dirigir pedidos a Francisco
Pereira Lata, (L.º) a casa que for-
nece em melhores condições.

Contra factos não

há argumentos
Vêr para crer
4.000 peças de casemiras para
serem vendidas a retalho directa-
mente da fábrica ao público.
As maiores novidades, em ri-
quíssimos estabres, cheviões
gênero inglês, sobretudo, garbi-
nes, abalos de senhora, etc.
Pelo preço que noutras casas
têm um fado, obtém dois no Depô-
sito da Covilhã, e tem habéis al-
faietas para os seus clientes.
Venda a metro, de todas as qua-
lidades de fazenda de lã.

Fatos a vestir desde 265\$00

Peçam catálogo com explicações ao
Depósito da Covilhã
R.º 93, 1.º andar

Impressões e comentários sobre as obras "Mar Alto", peça em 3 actos e "Idade do Jazz-Band", por António Ferro

António Ferro, um dos escritores mo-
dernos mais discutidos, embora tal dis-
cussão não possa considerar-se crítica
imparcial à sua obra, vem de publicar
seus dois livros: "Mar Alto", peça em 3
actos; e "Idade do Jazz-Band", con-
fêrencia literária realizada no Brasil.
Não sou dos que se prestam à ridi-
cula comédia de considerar António
Ferro um escritor vulgar, espécie de
menor dum pretendo movimento mo-
dernista (?), nem dos que, sistemática-
mente, o agredem, negando-lhe até as
qualidades apreciáveis que ressaltam
das páginas que ele faz quando
quer pôr de parte a mesquinha mania
de só falar de si desmoroando o leitor.
Suponho medir, com exactidão, a sua
inteligência; reconheço a ansia de iné-
dito que emprega, por vezes, suavidade
e a bizarria ao seu estilo; e, com a sua
descuidada cultura (mal quasi geral na
maioria de escritores e jornalistas) trans-
parente na frialdade dos seus motivos,
na testura frágil dos seus assuntos, não
posso deixar de considerar como um
milagre de instinto, e, consequentemente,
reveladora de apreciáveis tendências
literárias, a sua obra.

É um escritor moço, ainda agora no
início da carreira, com qualidades e de-
feitos mais, incontestavelmente, um es-
critor.

Em vez de pensar em dar uma grande
obra ao público, cuida mais de dar um
grande público à sua obra. Daí, excessi-
vo egoísmo, audácia destemperada,
malabarismo de frases e pobreza de
ideias que, um dia que não vem tarde,
jamais satisfará o seu orgulho de in-
tellectual, e a sua sede de triunfo.

Mas através destas falhas e destes ar-
tíficos quasi conscientes, que não de-
passar, tem páginas duma fragante gra-
ciedade, que se recordam com elogi-
o como algumas das suas crónicas de via-
gem e essas do seu belo livro sobre
Fiume onde apenas o título da obra é
mau, pela inoportunidade, pretencio-
sidade.

Os seus livros agora publicados re-
flectem todos aqueles defeitos e qualida-
des. E discutis los é, pelo menos, re-
conhecer à obra um mérito que justifique
tal discussão.

"Mar Alto" é uma peça em 3 actos
onde se movem as 3 vulgares figuras
exigidas no drama de passionismo mo-
derno: o marido, o marido e o marido;
e o amante; um plano secundário a me-
lhor figura dum filho pequenino e uma
crenda.

No 1.º acto, depois dum encantador
diálogo entre mãe e filho, o principal
motivo dramático é marcado na scena
em que o marido declara à mulher que
está perdido, porque roubou por amor
dela -- roubou um colar, queria-a ver
bem adornada -- e final está a caminho
da prisão, afilhado-se porque a consi-
dera uma mulher digna, honesta, a
quem deve véxer o convívio com um
herói.

A mulher, porém, tranquiliza-o; não
há motivo para elle se humilhar. Ela
não é, para ella, uma mulher digna. Tem
um amante, o melhor amigo do marido, a
quem se entregou para, aquelle, lhe dar
dinheiro para comprar vestidos, muitos
e belos vestidos... para continuar, se-
mpre, a ser bela ante o marido. In-
ventavam-se, insultam-se, justificam-se,
mas como ella adora o marido... pro-
põe a este o ir viver com o amante para
com o seu dinheiro encobrir o roubo do
colar, sustentar o luxo e manter a mes-
ma vida.

No 2.º acto, já em casa do amante
como se este fosse o marido, recebe, na
ausência daquelle, o marido a quem se
entrega confessando-se orgulhosa por o
receber como quem recebe um amante.

Mas o amante regressa e o marido
tem que sair dos braços della, que
lhe entrega dinheiro, entre beijos e sa-
ludações...

O amante desconfia; tem ciúmes; in-
sulta-a; exige que ela se divorcie para
ser só dele. Ella recusa e, após uma cena
violenta, sac... porque só gosta do
marido.

No 3.º acto, outra vez com o marido,
vive uma vida de inferno entre insul-
tos e misérias, lançando-se, mutua-
mente, em rastos as falhas e perversões.

Ele grita-lhe: "És uma rameira..."
Ella responde: "És um ladrão..."
Impossível viver assim -- pensam -- e
resolvem, depois de muito bem com-
baterem, matar-se os dois. Quando vão
pôr termo a tal existência acanhada,
ouve-se dentro a voz do filho que os cha-
ma, e não têm a força para procurar a
morte. Ficam a esperar da onda que os li-
vra -- frase esta com que o pano cai,
encerrando a peça.

Houve quem julgasse este motivo in-
suficiente para teatro e quem o conside-
rasse como imoral.

Eu, porém, eu suponho o motivo
com todas as qualidades intensas e em-
otivas para teatralização; creio mesmo
que todos os motivos do teatro, apenas
dependendo da maneira de os tratar,
do estudo dos personagens, ambiente,
acção, etc., etc.

Quanto à imoralidade, tal classifica-
ção é tam lugar-comum que nem já a
discute qualquer pessoa duma vulgar
travessa mental.

Dentro dos moldes estabelecidos e
essentes para a técnica teatral, como
para o romance, crónica ou novela, não
há moral nem immoral; o que há é obras
bem feitas ou mal feitas.

Uma peça bem construída, com be-
leza e bom senso, seja qual for a modi-
dade de arte, é sempre moral; -- o resto
voluntária confusão dos "craques" que,
luzes, bastas vezes se deliciam em re-
vistas pulhas e em originaes estrangeiros
do pior contrabando intelectual.

A peça de António Ferro é um ex-
celsa motivo e não é nada immoral; o que
ella está a mal construída como obra de
teatro que pretende ser.

Não tem acção; não na monotonia so-
mo as suas três figuras mal estudadas;
não é agitada por qualquer ideia gene-
rosa, por qualquer sonho idealista,
nem escrita numa linguagem que nem
tempre é a que se exige para literatura
teatral.

Vejam estas últimas razões: Na
peça, e até no prefácio pretende-se que
o marido -- seja um artista, um
poeta, decidente e sonhador. Ora a ver-
dade é que no desenrolar das scenas não

há um único indício ou documentação
que indique esse homem como um ar-
tista, como um poeta, como um sonha-
dor?

Fraco, sim, é que elle se revela, fraco
até ao repugnante; e com tal fraqueza
compreende-se que roubasse para dar
joias à mulher que era o seu grande
amor. Mas já não entendo como, se elle
a amava até ao ponto de roubar para
lhe oferecer um colar, transige em vé-
los braços do amante, visitando-a em
casa d'elle, aceitando-lhe dinheiro, e to-
do, só para que elle não vá parar à
cadeia e para que ella continue a ter
vestidos bonitos e joias...

Mas de que serve a esse miserô far-
se -- improvável hipótese de marido --
o não ir à cadeia, e a mulher continuar
a usar lindos vestidos, se ella, afinal,
passa a ser a mulher do outro?

Onde está a poesia e o sonho deste
poeta, deste artista sonhador?...

Onde o seu másculo egoísmo de ho-
mem, tam humano, tam ingénuo mesmo
nos falhos?

A mulher, essa, entrega-se ao aman-
te... para ter joias, vestidos, e para
obter o dinheiro preciso para encobrir o
roubo do marido, a quem, mais do que
a ninguém, adora...

Mas qual é a mulher -- casada e com
um filho -- que gostando, apaixonada-
mente, do seu homem se vai entregar a
outro, para que este lhe compre joias e
vestidos?

Nem mesmo para salvar o marido da
prisão o caso se justifica -- porque, em
geral, a mulher prefere este dolo sacri-
fício, e nem o marido lhe consente
ou aceita tal baixaria.

Bem sei, bem conheço determinadas
excepções; mas estas, com as suas laras,
não estão justificadas pelo autor.

Na "Rajada", por exemplo, há a mu-
lher que aceita o dinheiro dum primo,
a troco de transigências amorosas, ape-
nas para salvar o amante. Mas repare
o António Ferro como este facto passa
na peça quasi sem palavras, e assim
mesmo quanto luta essa mulher ante
dessa desdida que a ninguém aproveita,
porque o amante lhe recusa o sacrifício,
preferindo suicidar-se.

Não há dúvida -- nas ondas deste
"Mar Alto" -- não há o mais pequenino
ideal, uma parcela de sacrifício, uma
atitude de nobreza ou elegância como
se na vida ou na arte, as grandes dôres
morais apenas pudessem ter provenien-
cia na verdade frívola, ridicula, dum
colar de pérolas ou dum vestido de
rendas...

A própria figura do filho, tam lin-
damente desenhada no início do pri-
meiro acto, e que poderia ser um con-
stante e belo motivo sentimental, é
de flor delicada a exalar aroma em
todo aquelle pântano, não foi aprovei-
tada. O pai esquece-se do filho e rouba
a mãe esquece-se do filho e prostitui-se,
e só no final, para se agarrarem à vida,
disfarçam a sua covardia num falso
amor filial que não podiam sentir,
dados os sentimentos anteriormente re-
velados.

Mas está, ao menos, a peça bem es-
crita? Evidentemente que o está, mas
naquella literatura própria para crôni-
cas ou novelas ligeiras.

Como literatura teatral -- e só neste
campo a podemos compreender -- é outro
erro.

António Ferro, no prefácio, defende-
se desta accusação dizendo: "Na peça
deve haver muita literatura, mas não
há linguagem literária. É preciso de-
fender o teatro da multidão de anali-
stas que o ameaça, etc.". Esta afirma-
ção não é exacta. Na peça há linguagem
literária, absurda como literatura tea-
tral.

Absolutamente de acordo quanto à
necessidade de escrever teatro literário-
mente, mas com a sua literatura pró-
pria, o que António Ferro não quis fa-
zer, esquecido da lógica e embriagado
na harmonia, na cor, no som das fra-
ses que muitas vezes compõem -- frases
que serão bonitas, mas que não estão
certas.

Exemplo: no 1.º acto, na situação
mais dolorosa, quando o marido ante
o aspecto da prisão, confessa à mulher
o roubo, lê-se isto: "Parámos em frente
à montanha dum outeiro, uma mon-
teiradura para que tinha olhos todos
o teu corpo... Os teus lábios abriam-
se, balbuciavam um desejo, o desejo
dum colar de pérolas magnifico. O cen-
teiro azul, ao longe... os acordes dum
banda militar... Perto de nós, um
rancho de crianças passou numa bal-
búrdia... Eu tinha o teu amor, eu era
rico...".

E depois, caminhando sempre numa
evocação semelhante, o personagem vai
explicando a sua tentação e conta como
vivia as suas horas no escritório: "Os
algarismos deslocavam-se do papel...
juntavam-se uns aos outros, formavam
círculo, alastravam na branquidão da
folha como se fossem pérolas (?) no teu
colo... Que linda haviás de ficar".

Depois, vem a mulher, justificando as
razões porque se entregou a outro:
"Resolveste sempre em versos as difi-
culdades da tua vida". "Nunca te pedi
um vestido -- que não me fizessem um
soneto...".

Por mais que António Ferro expli-
que, eu não compreendo como numa
scena intensa, duma alta vibração ner-
vosa, em que as palavras saem desco-
mpostas, pouco mais do que sons, e quasi
todo o momento vive do terror pintado
em gestos alvifivos, em olhos desvali-
rados -- uma scena formidável, única,
em que o marido se declara ladrão e a
mulher prostituta -- ou não compreende
deste momento esse recorte voluptuoso
de frases belis, absolutamente inverosi-
mil porque em tal momento nenhuma
boca humana as soltaria.

Se o autor me vem dizer que coloca o
seu teatro fora dos moldes realistas e
que tem o direito de utilizar as frases
como lhe dá na gana; observar-lhe-hei,
então, que a sua maneira continua em-
bora porque tal sistema de frisar que-
bra a acção dramática, perturba o es-
pectador, prejudica, enfim, o necessário
ambiente que o teatro não dispensa.

Também não devo deixar de referir-
me ao longo prefácio que acompanha a
obra. Utiliza-o António Ferro para dar
uma trepa na critica, para explicar o
que é a peça, para se defender a si e à
sua obra, para dissertar sobre os seus
inimigos e detractores e, especialmente,
para nos falar da sua personalidade, do
seu orgulho e do seu triunfo.

Parece-me um mau e escusado do-
cumento.

Para quem são destinadas tais pá-
ginas?...

Para o público vulgar, inculto e fa-
cioso?...

Mas este nem se merece, nem as com-
preende.

Para o público probo, educado, in-
teligente?...

Mas este não crece de tal, porque
tém o seu juízo.

Bem sei que há uma opinião frívola,
intermediária, de boas maneiras, tam
frívola como ignorante, que delira com
essas atitudes; mas não serão esses, nun-
ca, que decidirão sobre o valor real de
qualquer escritor ou artista.

Fui dos que ao ouvir ler a peça de
António Ferro gostaram do seu recorte
literário e dos que ao vê-la representada
não gostaram da sua construção como
obra de teatro.

Não concordei com a atitude do públi-
co, sem autoridade intelectual, que pa-
teceu por antipatia; nem com a critica
faciosa e menos delidada. Mas também
não concordo com os esforços extremos
que o autor faz para defender a sua
obra, como se esta fosse a oitava mara-
vilhosa, como se pela vida fora não tivesse
oportunidade e talento para fazer mel-
hor, como se esta coisa de errar não
fosse humana, peculiar em todos os
que trabalham, e que tem acontecido até
aos mais altos espiritos.

Depois destas palavras escritas quero
afirmar que António Ferro, mesmo
através destas imperfeições, se revela
um homem de letras, autentico escritor
por vezes brilhante, de quem é legiti-
mo esperar trabalhos mais sólidos e
completos. Os seus livros de hoje, ao
menos, já se discutem; e critica-las,
sem favor, com sinceridade e indepen-
dência, é reconhecer-lhe algum valor.

A "Idade do Jazz-Band" é uma con-
fêrencia literária onde o autor elogia a
fervorosa música, considerando-a, exa-
geradamente, como a grande síntese do
momento que passa. Tem frases in-
compreensíveis, ausaciões.

Algumas dessas frases: "A loucura é
a única obra d'arte trabalhada com a
matéria humana".
"Só o artefacto é natural".
"As mulheres têm sempre talento
quando dançam".

"O Jazz-Band é o arco voltaico do
Universo".

A par de pensamentos arrojados, e
comparações incoerentes, também
conta coisas acertas, embora às ve-
zes prejudicadas pelo seu estilo estra-
vagante.

Um capítulo bonito, pleno de delica-
deza e ternura, esse em que, embora
contra-vontade, elogia as mulheres
feias.

Emfim, a "Idade do Jazz-Band", quan-
to a mim, está esteticamente para a
pura obra literária, como a música de
qualquer Jazz-Band está para a in-
terpretação musical dum sexteto ou or-
questra sinfónica.

Um dia, quando António Ferro quizer,
dar-nos-á as perfeitas obras literá-
rias. Tenho essa certeza porque ainda
não descreio do seu talento.

As edições dos dois livros são magni-
ficas de "Livraria Portuguesa", rua do
Carmo, Lisboa. Um desses livros --
a "Idade do Jazz-Band" -- traz na capa um
precioso desenho de Bernardo Marques.

Juliano QUINTANA

DESPORTOS

Sport Lisboa e Benfica

Em assembleia geral foram eleitos os
corpos gerentes para 1924-1925, que fi-
caram assim constituídos:

Assembleia geral -- presidente, dr. João
Carlos Mascarenhas de Melo; vice-pre-
sidente, Alfredo Moura; 1.º secretário,
António Ribeiro dos Reis; 2.º secreta-
rio, Ilydio Vaghiuhas Nogueira.

Direcção -- presidente, Bento Mântua;
vice-presidente, dr. Adeodato de Car-
valho; secretário, Eduardo Martins Pe-
reira; vice-secretário, José Colmeiro;
tesoureiro, Cosme Damião; vogais, An-
tónio Quirino dos Santos e José Mo-
reira Gomes.

Suplentes -- dr. Alberto Lima, Alfredo
da Silveira Avila de Melo, Vitor Le-
mos, Aires da Fonseca, António da Silva
Pereira, Francisco Calvo e João Antô-
nio Santos.

Conselho Fiscal -- presidente, Eduardo
Conceição Silva; secretário, António
Bernardo Aguiar; Relator, Mário Vieira
da Costa.

Uma violência

que atinge os empregados
menores do comércio e
indústria

A Associação dos Empregados Menores
do Comércio e Indústria tem os
seus estatutos aprovados pelo governo
-- no que allás ninguém lhes fez fa-
vor -- visto ella ser composta unicamente por
profissionais. Nas estâncias officiaes, onde
tudo anda, desoladoramente, à matro-
ca, esqueceram-se que tinham aprovado
aqueles estatutos, sancionando assim a
existência daquella numerosa classe de
trabalhadores. O esquecimento não foi,
porém, inofensivo, como pode depreen-
der-se da transcrição que fazemos do
§ unico art. 29 do decreto 8.244:

§ unico do art. 29.º -- Os continuos,
serventes, moços, porteiros e bem as-
sim, os cocheiros e "chauffeurs" de ca-
sas particulares, são equiparados aos
domesticos para os efeitos deste regu-
lamento.

A arremedida tem intenções perversas,
facilmente visíveis. Pretende-se reduzir
os empregados menores do comércio e
indústria à situação de escravos. Lá se
vão todas as regalias e todos os di-
reitos. Porém, a esta iniqua disposição,
que não pode nem deve vingar, opem-
se os empregados menores do comércio
e indústria com toda a energia e
com toda a razão que lhes assiste.

As outras classes também atingidas
não deixarão de, por certo, repellar a
afronta que lhes é feita.

Coimbra

O Comité de Propaganda Sindicalista substituido por um de Propaganda Confederal

COIMBRA, 28. -- Com a presença dos
três sindicatos federados e confederados,
metalurgico, mobiliário e gráfico, e ain-
da assistindo um delegado da C. G. T. e
componentes do Comité de Propaganda
Sindicalista, reuniram na passada
segunda e terça feira vários militantes
operários desta cidade, tendo, depois
de várias emendas, aprovado o docu-
mento que se segue que cria, em sub-
stituição do Comité de Propaganda Sin-
dicalista, um Comité de Propaganda
Confederal:

Comité de Propaganda Confederal.
Com o fim de fazer a propaganda da
organização operária, defensiva e ad-
optando as bases por que se norteia a
C. G. T., e constituindo em Coimbra um
Comité de Propaganda Confederal de
harmonia com as seguintes bases:

1.º Com o fim do Comité:
(a) Um delegado de cada classe con-
federada, agregando a si todos os indi-
viduos que julgue necessário, uma vez
que sejam assalariados e sindicados nos
respectiveos sindicatos da sua indústria,
cuja existença:

(b) Os delegados das classes confede-
radas serão sempre nomeados pelas res-
pectivas direcções e sempre de prefe-
rencia componentes das mesmas.

2.º São fins deste Comité:
(a) A reorganização dos diversos sin-
dicalistas e organização das classes não
organizadas;

(b) O auxilio moral aos sindicatos
existentes, accionando junto dos mes-
mos no sentido de conseguir a sua ad-
esão às federações de industria e Confe-
deração;

3.º A difusão dos principios em que
se baseia a organização operária portu-
guesa, procurando torná-los conhecidos
de todos os trabalhadores;

CAPÍTULO II

O MERCADOR DE ESCRAVOS

Viva o que gosta dos francos! que Cristo conserve o poder deles! que alumie o seu chefe da divina graça, que proteja o exército, que fortifique a fé, que conceda paz e felicidade a todos os governos sob os auspícios de Nosso Senhor Jesus Cristo!

A fé de velho Vagor, este preâmbulo católico da lei sálica vem sempre à ideia quando se trata dos reis francos ou das suas rainhas. Entremos no covil de Brunehaut, esplêndido covil! não rústico como o do conde de Néroweg, vasto burgo que nós outros da Vagraria vimos tão satisfeitos reduzir a cinzas! não, esta rainha tem melhor gosto; uma das suas paixões é a arquitectura; esta nobre mulher gosta das artes antigas da Grécia e da Itália! sim, gosta das artes, deleite das almas bem formadas. Reparem para o magnífico castelo que ela mandou construir em Chalons, no Saone, capital da Borgonha; os outros castelos que possui, mesmo o de Bourcheresse, não têm comparação com a sua habitação real, da qual os jardins magníficos se estendem até às margens do Saone, palácio ao mesmo tempo esplêndido e guerreiro, porque nestes tempos de batalhas continuas, os reis e os senhores fortificam-se cada vez mais nos seus covis!

O palácio de Brunehaut é cercado de grossas muralhas, e flanqueado de torres massivas; tem uma única entrada, abobada profunda, fechada nas duas extremidades com enormes portas reforçadas de barras de ferro. Ali vigiam de dia e de noite os guerreiros de Brunehaut, sempre armados; nos pátios interiores en-

contram-se outros edifícios para grande número de cavaleiros e peões. As salas do palácio são imensas, têm o chão de mármore ou de mosaico e são enriquecidas de colunatas de jaspe, de porfiro e de alabastro oriental com capitais de bronze dourado; estas riquezas de arquitectura, primores da arte, roubadas aos templos e aos palácios da Gália, foram transportadas para o edifício às costas de escravos e em carros. Estas vastas salas ornadas de móveis de marfim, de prata ou de ouro maciços, de estatuas pagãs de raro trabalho, de vasos preciosos e de tripodes, precedem o aposento particular de Brunehaut. O dia começou há pouco a romper, e já aquelas imensas salas estão cheias de escravos ao serviço da rainha, de oficiais das suas tropas, de altos dignitários da sua casa, camaristas, senescaes, escudeiros, mordomos e condestáveis, que vão receber as ordens de sua ama e senhora!

Contiguo ao quarto, onde ordinariamente costuma estar Brunehaut, há uma sala redonda, que forma o interior de uma das torres do palácio; nas paredes desta casa há três portas; uma conduz à sala onde estão os oficiais do palácio, a outra ao quarto de cama de Brunehaut; a terceira que não é mais que um corredor, dá para uma escada de caracol aberta na parede. Esta sala está mobiliada com sumptuosidade; em cima dum mesa, coberta com um rico pano bordado, estão colocadas folhas de pergaminho preparado para escrever, bem como um grande cofre de ouro, cravejado de pedras preciosas. Em torno da mesa estão colocados assentos, cobertos de almofadas de fazenda encarnada. Vários fustes de colunas servem de pedestais e vasos de jaspe, de ouro ou de bronze de Corinto, mais preciosos do que o ouro ou o alabastro cor de rosa. Sobre um pedestal de verde antigo, assenta um grupo de mármore de Paros de um trabalho delicado, representando o amor pagão acariciando Venus. Perto deste grupo, duas figuras de bronze esverdeado pelos séculos, representando a obscena imagem de uma ninfá. Entre estas obras primorosas da arte pagã, um quadro pintado em madeira, representa o Menino Jesus e São

João Baptista. Este quadro religioso indica que Brunehaut é uma fervorosa católica... porventura não sustenta ela correspondência regular com o papa de Roma, o piedoso Gregório, que não tem bençãos suficientes para prodigalizar a essa santa filha da Igreja! e mais longe, naquele bufete de marfim, que rica não é aquela coleção de medalhas romanas e gaulizas de prata e ouro? Entre elas lá se divisa uma de bronze, a única que ali se encontra deste metal... Que figura representa?

Que! aqui! neste lugar! Esse semblante augusto e venerado?

Ah! se o Deus dos católicos quer fazer um milagre nenhuma ocasião se lhe proporcionou mais oportuna, nem mais solene para isso, e bem depressa se o Senhor quer aterrar os maus, aquela effigie de bronze deverá, oh! prodígio assustador! estremecer de horror e de espanto!

Uma mulher velha, ricamente vestida, e de fisionomia sardónica e astuciosa, saiu do quarto de Brunehaut e entrou na sala da torre. Esta mulher de nobre raça franca, é Chrotechilda, confidente há muitos anos dos crimes e das devassidões da rainha; pegou numa campainha e tocou. No mesmo momento apareceu na porta que dá para a escada aberta na parede outra mulher cujo traje indica pertencer a uma classe inferior.

— Ouvi tocar, nobre senhora Chrotechilda, aqui estou.

— Samuel, o mercador de escravos, já veio?

— Há uma hora que está esperando na sala baixa com duas raparigas e um velho de barbas brancas compridas.

— Quem é o velho?

— Ignoro, minha senhora, provavelmente é algum escravo que o judeu leva para outra parte.

— Dize a Samuel que traga no mesmo instante as duas raparigas.

A velha desapareceu e quasi no mesmo momento saiu do quarto Brunehaut; esta rainha mostra ter ses-

enta e seis anos de idade; notam-se-lhe vestígios de uma beleza extraordinária em suas feições menos desfiguradas pelos anos do que pelas devassidões e pelo ardor devorante do ódio ou da ambição. O seu rosto pálido e enrugado parece iluminado pelo brilho escuro de dois grandes olhos, profundamente encovados, pretos como as suas compridas sobrancelhas, porque só o cabelo se lhe fez branco: fronte de bronze, lábios impassíveis, olhar profundo, cabeça alta e porte arrogante, porque a sua estatura se conserva direita e esbelta, começa a escutar e diz a Chrotechilda:

— Quem sobe a escada particular?

— É o mercador de escravos que traz as duas raparigas.

— Que entre... que entre...

— A quem quer a senhora dar de presente aquela escrava?

— Sabe-lo-hás depois... Mas desejo quanto antes examinar essas creaturas; a escolha é importante.

— Senhora, aqui está Samuel.

O traficante de carne gaula, judeu de origem, como a maior parte dos que se entregavam a esse negócio, entrou na sala, seguido das duas escravas que trazia consigo; vinham com os rostos cobertos de compridos véus brancos, bastante transparentes para poderem ver por onde andavam.

— Ilustre rainha, disse o judeu pondo um joelho em terra logo que chegou a porta e inclinando a cabeça quasi até ao chão, estou às vossas ordens; aqui estão estas jovens escravas, verdadeiros tesouros de formosura, de meiguice, de graças, de gentileza e sobretudo de vivacidade. Vossa Excelência sabe que o velho Samuel não tem senão uma qualidade... a de ser homem honrado...

— Em pé, em pé! disse Brunehaut dirigindo-se as duas escravas que na presença da rainha tinham ajoelhado assim como o mercador no limiar da porta; em pé, raparigas, e tirem os véus.

As duas escravas apressaram-se em obedecer à rainha; o judeu para dar maior valor à sua mercadoria,

IMPORTANTE **SEGURO MARITIMOS**

A **MUNDIAL** participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.

Dirigir-se a



A MUNDIAL COMPANHIA DE SEGUROS

Capital Integramente realizado, Esc. 500.000\$000 — Reservas, Esc. 743.051\$30,9
 SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO
 Rua Garrett, 95 — Tel. 3391 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª **FERRAGENS E FERRAMENTAS**



Metais, cutelarias, talhe-
 res, louça esmaltada, pa-
 ralhos, fundos para cal-
 ceiras, guarnições para
 móveis

Chapa ferro pret.
 e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio,
 balanças, pesos e medidas, cravo para fer-
 rador, serras circulares e de fita, etc.

TELEFONE 3930, N.º 1
 Gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA

CALÇADO

A Sapataria do Palhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos
 em verniz, abotinados, salto Luis
 XV.
 a 75\$00 botas em calf, preto,
 forma da moda, 2 gáspas e 2 so-
 las corridas, cujo valor é de 100\$00,
 a 30\$00 sapatos de verniz abo-
 tinados e c. IX, para senhora, cujo
 valor é de 60\$00,
 a 55\$00 sapatos de calf cor da
 moda, cujo valor é de 80\$00,
 a 59\$50 grande lote de botas, sola.

Desde 60\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e bolas, muito mais
 baratas que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

PILULAS MATA SEZÕES

São as mais conhecidas e acor-
 tadas em toda a parte do país.
 Têm já 35 anos de bom êxito,
 são elas que curam rapidamente

SFZÕES, febres intermitentes,
 palustres, biliosas, quartãs
 e dores de cabeça. Abrem o
 apetite e a comida



Exigir a caixa
 com rótulo igual

VENDEM-SE EM
 TODAS AS TERRAS
 DO PAIZ

Pelo correio: caixas
 de 6, 12 e 24, a 4\$50,
 7\$50 e 13\$00.

Dão-se 20\$00, ou restitui-se a importância
 se não fizerem efeito

Cumpram à risca a indicação que vai
 dentro da caixa

Grandes descontos aos revendedores

Depósito geral: 38, Rua João Rêgo, 42 — SANTARÉM

João Mendes Ribeiro Martins

MOVEIS E ESTOFOS

FREDERICO FERREIRA

ESTOFADOR e DECORADOR PROFISSIONAL

Mobiliás de casa de jantar, quarto, sala e es-
 critório. Encarrega-se de todo o trabalho
 concernente à sua arte, pelo sistema inglês,
 assim como olear e ornamentar casas completas

Antigo fabricante de MAPLES em todos os géneros

Rua Passos Manuel, 41 e 43 — Telef. N.º 1359

Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que
 digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, repa-
 rações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros,
 jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrez, frentes
 para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias
 e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Para conseguir cabeleiras assim



Usae o **Oleo de Mão de Uva**

Evita a queda dos cabelos promovendo
 o seu desenvolvimento, tornando-os bri-
 lhanes e flexíveis e evitando a caspa.
 50 anos de venda asseguram os seus
 — bons efeitos —
 Frasco 2.200. Para a provincia 3.200

Perfumaria Mendonça

— 43, CALÇADA DO COMBRO, 47

LISBOA

A's fábricas de calçado **e armazens de cabedais**

PESSOA séria, conhecedora do ar-
 tigo e boas referências, encarrega-se de
 vendas à comissão, tem escritório e ar-
 mazem próprio, para calçado e cabedais.
 (Informações) Rua Arco Marquês,
 Alegrete, 78, 1.º. A cita-se sócio capi-
 talista e conhecedor.

Ao Povo! **Fabrico manual de calçado** **e polainas**

ENCARREGA-SE de todos os traba-
 lhos referentes à arte; preços convidati-
 vos, descontos aos revendedores. Félix
 Santana Marques — Rua Arco Marquês
 de Alegrete, 78, 1.º. Aceita-se sócio capi-
 talista e conhecedor.

A MULHER DE LUTO (EM VERSO) por GOMES LEAL

2.ª edição ilustrada
 Preço 20\$00, pelo correio registado 22\$

Administração de A. Batalha

António Fraga, S.ª

Ouvires-Joalheiro

RUA DA PALMA, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e frequentes que
 continuo vendendo todos os artigos de ou-
 rfeiraria e joalheria, por preços com os
 quais ninguém pode competir, embora haja
 quem se incomode por eu estar vendendo
 tão barato.

Poco uma visita a minha casa.
 Confrontem a qualidade da a brilhantes
 e os seus preços, e verão depois quem melhor
 e mais barato vende.

Tenho sempre artigos em 2.ª mão renova-
 dos com pouco custo.

Não confundir, primeira
 casa Fraga, subindo a Rua
 da Palma.

FÁBRICA de ladrilhos, mosaicos, azu- leiros, cimento

GOARMON & C.ª

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 — LISBOA

Alfaiataria

CAMPOS, PALMA, L.ª

Fazendas nacionais e estran-
 geiras. Bom corte e esmerado
 acabamento pelos últimos fi-
 gurinos.

FATOS A FEITIO
 DESDE 180\$00

Rua do Registo Civil, 9 A

(AO INTENDENTE)

OURO

molto mai

Barato

Grande sortimento

de cordões, correntes e

mais objectos de ouro

Só vende barato

A OUVESARIA

Cofreia & Moura

Rua S. Paulo, 186

LISBOA

(Próximo à Casa da

Moeda)

Companhia Nacional de Navegação

Vapor "ANGOLA"

Sai hoje dia 1 de Setembro, para Ma-
 deira, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossa-
 medes, Cabo (Cape Town), Lourenço
 Marques, Beira e Mocimboim; e par-
 ticularmente, Chinde, Quelimane, Pe-
 bane, Angoché, Porto Amélia e Ibo
 com transbordo.

Para carga, passageiros e quaisquer es-
 crecimentos, dirigir-se aos escritórios:
 Em Lisboa: Rua do Comércio, 85—
 No Porto: Rua da Nova Aliança, 34.

Lenhas de so- bro e azinho

SECAS, postas à porta do fre-
 guês a 22 centavos o quilo. Pinas,
 cubos para carroças, macos para
 calceteiros. Pedidos a António F.
 da Cruz, Largo do Conde Barão,
 40. — Telef. C 1245.

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico,
 Gotoso, Articular, Artri-
 : tico, Muscular : :

"Reumatina"

24 horas depois não tem

mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não

exige dieta

Preço \$800

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas

farmácias e drogarias —

Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente

das blenorragias crónicas ecentes.

Resultados imediatos e compro-
 vados pelo distinto médico ope-
 rador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 — PORTO

Fatos completos

Actualmente liquidação de sal-
 dos das estações

anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Tosse convulsa

Obtem-se uma cura radical o

em pouco tempo com o

SERPOZIL, Nobre Sobrinho

a um tempo laxativo

e expectorante

Deposítários: Teixeira Lopes

& C.ª L.ª

R. de Santa Jo ta, 45, 2.º — LISBOA

PURGAÇÕES

= E =

PROSTATITES

Cur-m-se radicalmente na

Farmácia Ultramarina — Rua de São

Paulo, 101, Purgações, 4 dias. Pro-

statites, 21 dias. Antigos ou recentes

curam-se sempre.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos

e mechas em cores lindíssimas,

formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativ

A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 4-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegre, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Laurés (Exclusivo)

PENSÃO MODELO

Rua José Falcão, 21, 1.º

(A Almirante Reis)

(A verdade!) Não há outra melhor!

Todos afirmam, ótima comida, aca-

da e farta; quartos lindíssimos e bem